

**DIÁRIO INDEPENDENTE**  
 DIRECTOR EDITOR  
**FERREIRA DA SILVA**  
 Direcção, administração, composição  
 Impressão, Rua de Alportel, 23 27  
 Endereço: t-1 grafico  
**ALGARVE-FARO**

# O ALGARVE

Faro, 13 de Abril de 1924

**Photografia**  
 Brasil  
 Retractos d'arte e todos  
 o generos de fotografia execu-  
 dos em absoluta perfeição  
 R. da Escola Politecnica, 14U  
**LISBOA**

## Semana de Lisboa

A barafunda que por ahí se tem  
 a roda da chamada "lei seca"  
 ora dumamancira inflavel  
 caminho com que neste paiz  
 costumam tratar os assuntos de  
 moralizador, e que por  
 assim, merecem lá fora uma  
 qual muito especial.  
 Qualquer creatura de bom sen-  
 timento que não tenha sido mi-  
 tro, que o não seja ou pens-  
 a se-lo, compreende que, pe-  
 a necessidade de produzir  
 lei que reprima os abusos do  
 alcoolismo e acompanhe o movi-  
 mento de igual tendencia que va-  
 esse mundo trã, o ideal seria  
 ter uma lei de facilissima com-  
 plexão e execução.  
 Assim devidamente de  
 os interesses materias  
 que vendem as bebidas e  
 os interesses moraes (o melhor  
 o das desinteressadas) d'queles que  
 o, enfiaram no grupo dos  
 o uso moderado  
 alcool, como factor que é do  
 pauperamento da raça e da  
 moralisacão dos costumes.  
 Pois bem! o contrario disso,  
 que se fez foi um amontoado  
 de artigos de tal maneira confusos  
 de ninguém comprehendeu. Como  
 consequencia disso a lei quasi não  
 comp da, vento-se as proprias  
 autoridades impossibilitadas de ex-  
 esse cumprimento por não sa-  
 berem em que ele consiste...  
 O fim moral da lei não foi com-  
 prendido pelo legislador. E' essa  
 acação que t'ramos da forma co-  
 ella está redigida e ainda do  
 modo de ter sido permitida a abertu-  
 ra de tabernas depois da hora  
 de beber da no decreto, nos trez  
 o carnaval, ou seja precisa  
 de quando mais necessario se

tornava o encerramento por ser  
 essa a época mais turbulenta e em  
 que, logamente, o alcool faz  
 maiores danos!...  
 Seja-nos licito acentuar que as  
 no-sas esperanças de educador  
 moral se não fundam *exclusiva-  
 mente* no bom ou mau cumprimen-  
 to dessa ou doutras leis de carac-  
 ter moralista.  
 Somos de op não que aquilo que  
 não conseguem os principios esta-  
 veis da propagação feita ora pela  
 persuasão, ora pela imprensa ou  
 pelo livro e *principalmente pelo  
 exemplo*, não conseguem os meios  
 coercitivos.  
 H- um meio pouco conhecido  
 entre nós de regeneração anti-alcoo-  
 licia. São os hosp-taes em que se  
 recebem as creaturas que se en-  
 tregam a tal vicio.  
 Submetidas a um regimen es-  
 pecial e a um processo educativo  
*essencialmente pratico* e intuitivo,  
 eles, os doentes, acabam por per-  
 der tão ruim habito. O bom exito  
 de-te tratamento deve-se á circuns-  
 tancia do alcoolico agir como tal  
 por sugestão doutros já invetera-  
 dos no vicio e pela propria taber-  
 na, cafés, etc. Uma vez afastados  
 de si esses meios fascinadores e  
 coincidindo esse afastamento com  
 as *sugestões* boas dos que tem por  
 missão cura-lo, ele aborrece a be-  
 bida e regenera-se, pelo menos  
 na grande parte dos casos.  
 Se neste paiz z houvesse o habito  
 de olhar para os assuntos desta  
 magnitude com o interesse que eles  
 merecem, aqui teriamos nós um  
 belo complemento á incompleta  
 "lei seca".

SILVIUS

## O CINE-TEATRO

Sr. Director de O Algarve

Tenha paciencia em aturar-me  
 mais esta massada, mas eu não  
 posso abandonar o assunto porque  
 não quero que a traça me entre  
 no papel do Cine-Teatro, que é  
 uma das empresas boas do Algar-  
 ve.  
 Pois é verdade; mal esperava  
 eu, ao escrever-lhe a minha carti-  
 nha em defeza da boa orientação  
 na administração daquela casa de  
 espectaculos que teria a respon-  
 der-me um outro accionista — o  
 sr. José de Jesus Madeira Junior.  
 E não pensava porque tendo  
 falado com grande quantidade de  
 accionistas nenhum teve ideias  
 contrarias ás minhas, antes todos  
 aplaudiram a minha acitudo. Con-  
 cluo eu que a qualidade que o  
 sr. Madeira Junior invoca — a de  
 accionista para fazer favor de me  
 alumiãr, não foi, na realidade, a  
 que o obrigou a descer a terreiro  
 para me responder. O sr. Madei-  
 ra que acumula o lugar de accio-  
 nista com o de encarregado da  
 central electrica da empresa do  
 Cine, sentiu-se picado com a mi-  
 nha frase de *maquinsmos de lu-  
 zo* e quer mostrar que tal desi-  
 gnação se não deve aplicar ás  
 maquinas que ele julga precisas  
 para atrahir aquela casa de espe-  
 ctaculos todas as grandes compa-  
 nhas da capital e do estrangei-  
 ro.  
 Não lhe quero mal por isso. O  
 sr. Madeira defende o seu ponto  
 de vista e muito lhe agradeço a  
 sua sapientissima lição.  
 Devo porem dizer-lhe que as  
 suas razões e a sua lição, dados  
 com modos de quem se sente vic-  
 tima de uma impertinente intru-  
 são nas suas atribuições e na sua  
 sapiencia, não só me não rendem ao  
 seu ponto de vista mas antes mais  
 consolidam o meu, que é o da  
 maioria dos accionistas.  
 O sr. Madeira, segundo ouvi  
 dizer, quer que se compre uma  
 maquina que custará perto de cem  
 contos e que se venda a que lá  
 está. Tal pretensão a realizar-se  
 retirará o dividendo aos accionis-  
 tas por uma porção de anos. O  
 sr. Madeira não se importa com  
 esse facto. Pelo visto, o seu amor  
 á empresa e o seu desejo intenso  
 de a ver cada vez mais próspera  
 e brilhante, valem para ele muito  
 mais que o seu passageiro sacri-  
 ficio de accionista.  
 Está no seu direito, mas eu e a  
 maioria dos accionistas é que não  
 temos o mesmo criterio porque  
 não temos as mesmas razões. Nun-  
 ca as tivemos, e se algumas ten-  
 dencias surgissem para as ter, a  
 carta do sr. Madeira imediatamente  
 as dissiparia.  
 Com effeito, não é preciso ter  
 sciencia alguma de amperes volts  
 etc. para ver que não se preci-  
 sam maquinas de luxo.  
 Diz o sr. Madeira: «O palco  
 mal iluminado leva-nos 80 ampe-  
 res; sala, corredores e rua 30  
 amperes, arco da projecção 50  
 amperes».  
 Como se vê soma tudo 160 am-  
 peres. Ora, eu que não pesco de  
 electricidade, como já disse, con-

sultei pessoa entendida naquele  
 mister que me disse: Havendo  
 100 amperes a 110 voltios temos  
 11.000 voltios ou sejam em ca-  
 valos 15 pouco mais ou menos.  
 E preciso porem, ver o seguin-  
 te: quando funciona o palco, não  
 funciona o cinematografo e não  
 funciona a sala. De forma que os  
 100 amperes chegam e muito mel-  
 hor chegariam se as lampadas do  
 palco fossem de meio vatio. Nos  
 intervalos estão disponiveis quasi  
 todos os 80 amperes do palco, o  
 que não só chega para o resto, co-  
 mo ainda sobra.  
 Quando a sala funciona com o  
 cinematografo ainda o sr. Madei-  
 ra fica mais aliviado.  
 Mas ninguém quer opôr-se a  
 que reforçe a força da central  
 electrica do Cine, tanto mais que  
 existindo apenas um grupo de ma-  
 quinas se qualquer peça desse gru-  
 po se avariar a casa ficará ás es-  
 curas.  
 Dahi, porem, a deixar gastar 100  
 contos va uma enorme distancia.  
 E desde já posso assegurar ao  
 sr. Madeira que se não fará sem  
 que a maioria dos accionistas o con-  
 sinta, rendida por melhores argu-  
 mentos que os até agora apresen-  
 tados pelo sr. Madeira.  
 E como não procuro glorias e  
 apenas tenho empenho em não  
 deixar entrar o *bicho no papel* do  
 Cine-Teatro, continuarei na posi-  
 ção de accionista anonimo, com a  
 qual o sr. Madeira tanto se im-  
 pressionou. E, desde já declaro  
 que, se não comprarem os maqui-  
 nismos que o sr. Madeira indica  
 como capazes de atrair todas as  
 companhias e trazer uma seme-  
 leira de notas do banco para os  
 accionistas, deixarei o anonimato  
 para ir comprar com bom lucro  
 todas as acções do Cine-Teatro de  
 que o sr. Madeira é possuidor, sal-  
 vando-o assim da ruina que ele  
 profetisa com tão convencido e  
 magestoso gesto no final da sua  
 carta.  
 Um modesto accionista anonimo

## NOTICIAS PESSOAES

Para seu filho o engenheiro agronomo  
 sr. Miguel Caeiro Carvalho Rico, foi pe-  
 dida em casamento pela sr. D. Vicencia  
 Natalia Caeiro Carvalho Rico, esposa do  
 engenheiro sr. Antonio Caeiro Rico, a  
 sr. D. Adelina Peres de Oliveira Carlos,  
 gentil filha da sr. D. Adelina Peres de  
 Oliveira Carlos e do capitão de fragata  
 nosso comprovinciano sr. Marcelino Car-  
 los.  
 Está em Lisboa o sr. dr. Alberto Car-  
 bal, delegado do procurador da Repu-  
 blica nesta comarca.  
 Com a sr. D. Maria Teresa Duarte,  
 filha do sr. Francisco José Duarte, pro-  
 prietario de Portimão, consorciou-se o  
 sr. José Rodrigues Pinheiro Centeno, tes-  
 soureiro da filial da casa bancaria Tota,  
 naquela vila.  
 Estiveram em Faro os srs. José Ber-  
 nardo de Sousa Correia, de Lagoa, e Vi-  
 ctor Costa e Silva, de Lagos.  
 Tem estado muito doente em Porti-  
 mão, a sr. D. Maria Francisca Bivar  
 Weinholtz.  
 Está em Lisboa o sr. Ferreira de  
 Sousa, chefe do departamento maritimo  
 do sul.  
 Com sua esposa está em Lisboa o sr.  
 dr. Francisco Corte Real, de Portimão.  
 Esta em Faro com sua esposa, o sr.  
 José Marques do Carmo, de Monchique.  
 Acompanhado de sua mãe regressou  
 hontem de Lisboa o sr. Antonio Rebelo  
 Neves.  
 No goso da ferias está em Faro o fi-  
 lho do nosso colega Ferreira da Silva.  
 Partiu hontem para Lisboa a esposa  
 do sr. José Maria de Mendonça.

## CONCERTO

Está despertando grande interes-  
 se e não menos entusiasmo o concer-  
 to que a orquestra de professores e  
 alunos do Conservatorio de Lisboa  
 depois de amanhã dão no Cine Tea-  
 tro.  
 O programa é o seguinte:  
 1.ª parte  
 I—Ossian, ouverture —Niels-Ga-  
 de.  
 II—Aria da esuite em ré—Bach.  
 III—Preludio—Debussy.  
 IV—Minueto pela orquestra — J.  
 H. dos Santos.  
 V—Barbeiro de Sevilha (una  
 vose pocofa) — Rossini. Canto por  
 mademoiselle Julia Xavier Dias.  
 VI—Hargo do concerto em ré —  
 Vivaldi.  
 VII—(a) Momento musical —  
 Schubert.  
 (b) Abelha — Schubert. Pela or-  
 questra.  
 2.ª parte  
 VIII—Sinte lirica —Grieg.  
 (a) Preludio.  
 (b) Uma tarde nas montanhas.  
 (c) No bergo.  
 (d) Minueto da avó.  
 (e) Canto dos marinheiros. Pela  
 orquestra.  
 IX—Solos de harpa, pela pro-  
 fessora Wercuyssse de Sá.  
 X—Adagio (clair de lune)—Be-  
 ethoven.  
 XI—Cavalaria Rusticana (roi-  
 l sapete) — Mascagni. Canto por  
 mademoiselle Victoria Lopes da  
 Silva.  
 XII—Schezo —Vianna da Motta.  
 Pela orquestra.  
 3.ª parte  
 XIII—Preludio do Stabat Ma-  
 tes — Pergolesi.  
 XIV—Na romaria —Costa Fer-  
 reir.  
 XV—Minueto —Mozart. Pela or-  
 questra.  
 XVI—Otello (ave maria) —Verdi.  
 Canto por mademoiselle Aurora  
 Marques.  
 XVII—Le signe — Saint-Saëns.  
 XVIII—Valsa da serenata —Tshai-  
 kowsky.  
 XIX—Danças Ungaras — Bra-  
 hms. Pela orquestra.

## CINE-TEATRO

### TOURNEE DESSAUER

Visitou esta cidade, dando aqui  
 dois espectaculos na terça e quarta  
 feira ultimas, um grupo de ar-  
 tistas que se apresentou sob o no-  
 me de *Tournée Dessauer*.  
 O seu trabalho foi bom e o con-  
 junto agradou-nos completamente.  
 O repertorio da *tournee* é compo-  
 sta por peças num acto e varia-  
 des.  
 E' certo que o genero de peças  
 em um acto unico constitue uma  
 maneira de fazer teatro que esbar-  
 ra com numeras dificuldades, mas  
 a *tournee Dessauer* siube vencer-las  
 com arte e intelligencia. Deu nos  
 peças, peças a valer, e em cujo  
 desempenho pequenos serões na  
 a noiar, e não essas estaladas co-  
 mediasinhas tolas e ingenuas que  
 fizeram as delicias dos nossos  
 maiores.  
 Todos arcam com os seus pa-  
 peis com intelligencia, mas sem  
 desprimo para ninguém de taca-  
 remos com justiça Sarah Lima,  
 genil figurinha movida e viva,  
 já bem conhecida aqui, onde en-  
 trava hado com artistas de en-  
 gadura e justo renome. O seu  
 trabalho em *Um pequeno romance*  
 representa um traço artistico di-  
 gno de especial menção e em *Uma  
 aventura de viagem*, se bem que  
 tira do seu genero, venceu com  
 proficiencia as dificuldades do pa-  
 pel.  
 Augusta Guedes bem em *Um  
 pequeno romance* e interessante na  
 fim de *Uma aventura de viagem*.  
 Ruy Melo correto no pri-  
 meiro acto; no terceiro, se bem que  
 vencesse faltou-lhe vinciar um pou-  
 co mais o lado precioso do seu  
 personagem.  
 Proposadamente deixamos para  
 o fim George Dessauer, por se  
 tratar de alguém muito conhecido  
 no nosso meio e que se escolhe  
 modestamente sob este pseudoni-  
 mo e cujo verdadeiro nome é Jorge  
 Leitão. Não o supunhemos actor  
 e foi com verdadeira surpresa que  
 o vimos pisar a scena.  
 Confessamos que, aparte pequen-  
 nas deficiencias resultantes da pou-  
 ca pratica e um actor que possui  
 todas as condições para vencer.  
 Aconselhamos-lhe, contudo, que  
 não faça tudo com oculos, pois es-  
 se facto aproxima muito todos os  
 seus personagens.  
 Em *Uma culpa* destaca-se tam-  
 bem Sarah Lima.  
 Ele... Ela... e Ele foi int r-  
 pretada com justiça por todos.  
 Os actos de variedades bons,  
 agradando absolutamente a Augusta  
 Guedes que é uma cantora de in-  
 contestavel merito e possui uma  
 voz extensa e de agradável timbre.  
 Luiz Frezzini com uma voz  
 pequenina mas harmoniosa soube  
 fazer perfoar pelo canto as difi-  
 culdades de representação. Os ou-  
 tros bem.  
 Como já dissemos, o repertorio  
 é magnifico e está fora da banali-  
 dade das comedias, mas é justo  
 notar que *Um pequeno romance* é  
 uma verdadeira criação literaria e  
 scenica.  
 Pouco publico, talvez por falta  
 de sufficiente reclame.  
 O pianista razoavel.  
 Em resumo: a companhia apre-  
 senta-se com um belo conjunto  
 scenico e com elegante e correcto  
 guarda roupa.

## CAUTELE!

em Faro, os presos da cadeia passeiam de madrugada  
 :: :: :: pelas ruas da cidade :: :: ::

A respectiva entidade acaba de  
 entregar o seguinte documento:  
 Ex.º Sr. dr. Delegado do  
 Procurador da Republica  
 da Comarca de Faro:  
 O abaixo assinado, estabelecido  
 e domiciliado nesta cidade, res-  
 peitivamente, na rua Serpa Pinto, 87  
 e na rua Ata de Oliveira, aca-  
 ba de depôr no Commissariado da  
 Policia Civica de Faro, o docum-  
 ento de teor seguinte:  
 «O abaixo assinado participa a  
 V. Ex.ª que na madrugada do dia  
 1 do corrente mês, entre a uma e  
 as duas horas, fui partido um vi-  
 stro da porta n.º 87 do meu estabe-  
 lecimento situado na rua Serpa  
 Pinto desta cidade. Pelas declara-  
 ções feitas por algumas das pessoas  
 adiante mencionadas, o autor da  
 infracção foi por algum daqueles im-  
 mediatamente agarrado, e, dada a  
 ausencia da policia, pelas mesmas  
 pessoas, e indz do á cadeia desta cidade,  
 onde entrou, embora sem a presen-  
 cia do carcereiro, que ali não se  
 achava visto a declaração por  
 que feita de que já ali se en-  
 contrava detido, esperando ou  
 cumprindo pena.  
 Delezo é supor no signatario  
 que de natureza muito mais grave  
 fosse o mobil deste caso, dados os  
 valores que proximo da porta se  
 encontram e bem assim por toda  
 a casa, com a agravante do sitio,  
 hora e situação do agente, e, nes-  
 ta conformidade, e ainda pelo da-  
 no causado, o signatario vem mu-  
 ltiplicar a rante pedir a V. Ex.ª  
 que deigne proceder como é de jus-  
 ticia, quanto ao lado policial da

ocorrência, pois quanto ao resto  
 nesta mesma data se dirige á ins-  
 tancia competente.  
 Oferece como testemunhas:  
 José da Paz Viegas, funcionario  
 da Administração do Concelho;  
 Francisco dos Reis Marreiros, fis-  
 cal da iluminação; Cipriano Antõ-  
 nio Rodrigues, Alvaro de Oliveira  
 Calvário, funcionario de finanças;  
 guarda civico n.º 54 e o seu cole-  
 ga que guardou a porta.  
 Julga o participante, merecedor  
 de justos reparos e de prontas e  
 mergicas providencias o facto que  
 desta participação avulta: a hora  
 em que o caso se deu e a situação  
 de quem o motivou: um detido da  
 cadeia desta cidade  
 Reservando para o lugar proprio  
 os comentarios que o caso admite  
 e a segurança da gente honrada re-  
 quer como caustico necessario e  
 preventivo de males maiores, o si-  
 gnatario formula pelo presente a  
 sua accusação aos responsaveis do  
 facto que aponta, quaisquer que  
 eles sejam, solicitando de V. Ex.ª  
 o seu mereo do castigo, como re-  
 paração devida não bem já ao proprio  
 mass ao prestigio da Justiça e da mo-  
 ral social. Oferece como testemu-  
 nhas os nom.s acima. Faro, 5 de  
 abril de 1924 — Apto d Oliveira.»  
 Ignorando as providencias to-  
 madas pela entidade competente  
 para que estes casos se não repi-  
 tam dado que se não trata dum  
 caso isolado, no proximo núme-  
 ro diremos o que houvermos por  
 bem para conhecimento do pu-  
 blico.  
 A. O.

## Festividade dos Passos

Na igreja paroquial de S. Pedro  
 tem hoje lugar a festividade de N.  
 S. J. dos Passos.  
 A procissão que se faz dentro do  
 templo tem lugar ás 6 horas da tar-  
 de, havendo em seguida sermão.

## Armazens de Moveis do Algarve L. da

Participamos que, por escritura  
 lavrada nesta data no notario desta  
 cidade sr. dr. Victor da Fonseca,  
 o sr. Joaquim Gomes Ferreira or-  
 deu a quota que tinha nesta so-  
 ciedade a favor do sr. José da Sil-  
 va Pereira, passando-lhe todos os  
 seus direitos e encargos.  
 Por este facto e em reunião de  
 assembleia geral dos socios foram  
 nomeados gerentes os nossos socios  
 sr. Alfredo da Silva e José de  
 Silva Pereira, conforme consta da  
 competente acta.  
 Faro, 10 de abril de 1924.  
 Armazens de Moveis do Algarve L. da

## Aos lavradores

Fava e aveia compra-se na es-  
 tação de procedencia.  
 Indicar o peso de 20 litros, e  
 remeter amostras para Henrique  
 dos Santos e Silva, Travessa das  
 Zébras, 9, Belem — LISBOA.

# Motores baratos... Um vigario alemão

Ha duas semanas appareceu nesta cidade um estrangeiro bem vestido que travando relações com algumas pessoas se intitulou engenheiro representante de varias firmas alemãs e de uma importante firma portugueza de maquinismos. O homem era insinante e sabia dos assuntos de que tratava. As suas propostas eram vantajosissimas.

Maquinas muito baratas, pagas em prazos de um e dois anos. Começaram a surgir freguezes de todos os lados. No restaurante do Cine Teatro, tinha Herr Umber Huber, assim se chamava o distincto engenheiro negociante, sempre convivas que com ele e a custa dele, o ajudavam a dgerir as saborosas iguarias.

O homem subia dia a dia a preciosa escada da notoriedade feliz e prospera. Os negocios iam-se accumulando. Ele prometia remeter e instalar tudo em prazos curtissimos. As condições de pagamento metiam sempre apenas um terço da quantia total que ele prometia remeter para a Alemanha. Tinha cont actos impressos em que o seu timbre figurava mas em que apenas se lia Lisboa mas onde não havia rua alguma designada.

Nem tal era preciso visto que as maquinas que vendia já estavam em Hamburgo prontas a partir. Emfim o sr. Umber Huber, era a providencia das industrias algarvias e se não fossem os jornaes o distincto cavalheiro deixaria no Algarve recordações imperciveis, visto que ele guiado por pessoas servicias e obsequiosas começara já a percorrer outras terras.

No passado domingo, porem, os jornaes de Lisboa, desfizeram cruelmente os sonhos fagueiros de tantos industrias em procura de pechinchas. Tratava-se nada menos de um famoso vigarista que no Porto, cheliando uma troupe, conseguira burlar muitas pessoas em dezenas e dezenas de escudos. Nessa altura sentiu-se roubado o sr. Joaquim Carvalho, industrial desta cidade a quem ele já tinha apanhado seis contos como primeira prestação de uma instalação de fazer gelo. Este sr. queixou-se á policia e esta correndo ao Grande Hotel prendeu o homem e conseguiu apanhar os seis contos do sr. Carvalho que por luminarias no coração. Metida a policia no caso viu-se logo que embora as negativas do homem, tratava-se realmente de um grandissimo intrujão. No hotel dera um nome diverso daquele que usava cá fora.

Levado sob prisão para o commissariado, o sr. commissario de policia telegrafou para Lisboa e para o Porto, tendo partido destas duas cidades agentes para o conquistarem. Como, porem, o agente de Lisboa tivesse aqui chegado primeiro, foi a este que o preso foi confiado. O agente do Porto chegou no comboio de quarta feira a noite, pouco depois do preso ter partido para Lisboa.

Do caso ficaram algumas piadas com que os comedores dos jantares do homem já vão dando o cavaco.

**HA 44 ANOS**  
U'c O Districto de Faro de 8 de Abril de 1880

Foi nomeado guarda mór da estação de saúde do porto de Faro o sr. bacharel formado em medicina Francisco Lázaro Cortes.

Alguns vez a granja havia de acerto na nomeação de empregados publicos. O sr. Cortes é um moço inteligente e probo, muito digno de exercer o lugar para que foi despachado.

**6 contos**  
Precisam-se a juro, dando bons fiadores.  
Carta a esta redacção com as iniciais A. C. C.

# Agradecimento

Abraão Ruat, impossibilitado por motivo de doença de agradecer, em seu nome e de sua familia, a todas as pessoas que o visitaram e lhe mandaram prezames pelo falecimento de sua querida mãe e irmão, vem por esta forma pntentear a sua enorme gratidão para com todos que se associaram á sua côr, pedindo desculpa de o não poder fazer pessoalmente em devido tempo.

**CARRO** vende-se com dois varões de carga em bom estado. Dirigir a Manoel Joaquim Marum, rua Infante D. Henrique, 130 — Faro.

# Material electrico de toda a especie

Fornecemos aos revendedores. Aceitamos agentes no Algarve. **AZEVEDO & BRITO** RUA DO ARÇO BANDEIRA, 5-3° Tele {fone C. 5464 gramas SANBRITOS, LISBOA

**PRECISA-SE** um mo-leiro para a Companhia de Moagem e Serração em Boliquireme. Dirigir á mesma companhia.

# Cascos

Para azeite alugam-se e vendem-se 10. Dirigir a Manoel Joaquim Marum, rua Infante D. Henrique, 130—Faro.

# Loja de moveis e Oficina de estofador

Esta casa tem montada a secção completa de estofos. Encarrega-se de estofar toda a qualidade de mobilia para o que está habilitada, possuindo todos os materiaes taes como: veludos, cretones, etc. etc, tendo sempre pronto em deposito Maples e clause longues, etc. a preços baratos.

4, Rua Pinheiro Chagas, 6

**HORTA** vende-se no sítio do Vale da Amoreira, junto da estrada que de S. Luiz vai para a Conceição. Tem casas de moradia, ramada, palheiro, etc. Dirigir ao proprietario, na mesma horta.

# Jardins, Parques e Pomares

Arvores para Avenidas, estradas e praças. Arvores para bosques e madeira de construção — Arvores de fructo de todas as especies e das melhores variedades; collecção distincta: Roseiras, Dahlias, Craveiros, Arbustos e plantas de flor, para jardins. — Razes e bolbos de flores. — Sementes de flores e de Horta. — Projectos e construção de jardins, Parques e Pomares em estilos modernos e antigos, enviando-se pessoal habilitado para todo o paiz e Hespanha. Pedir catalogos gratis á Jacintho de Mattos — Hortu tor, Rua da Boavista, 474 — PORTO Estabelecimento fundado em 1870.

**CASAS** Vendem-se duas moradas terreas com os numeros 15 e 19, na Travessa da Saude Quem pretender dirija-se a João Ignacio Guerreiro Rua do Forno, 1—FARO.

## Santos Silva & Salgadinho, L. da

**Fabrica de conservas :-: de peixe :-: em azeite e salmoura**

## BRITISH INSTITUTO PASTEUR DE LISBOA

**TOSSES**  
Gripe Bronquites Constipações

LISBOA - R. N. do Almada 69  
PORTO - R. dos Clerigos 36

**Tratamento das vinhas** pelo Pó Caifaro e enxofre Ferro Cúbico. Decida a vantagem sobre a cal a bordelêza. O Sindicato o Agricola de Faro tem a representação da casa importadora.

## VELUDOS e SETINETAS para estofos e reposteiros

Peçam amostras e preços  
The British Products Supply, L. da  
Calçada do Carmo, 25, S/L Esq. do — LISBOA

## CASA MATTOS

Rua Conselheiro Bivar, 29, 31  
— FARO —

## Fazendas de algodão, lã, mercador e miudezas.

### Tudo mais barato

Completo sortido em panos brancos, tecidos finos, zefires, colchas, bordados, rendas, etc.

**Chitas desde 2.500 o metro**  
**Panos br. 3.000 o metro**  
**Panos crus 3.500 o metro**  
**LINDAS CASSAS A 5 E 6.000 O METRO**  
O maior sortido em chapéus de palha para creança. Guarda chovas e sombrinhas

## Todos á CASA MATTOS

## Oficina de canteiro e escultura

# Antonio Tomaz Ramos

Estrada de Alportel  
— FARO —  
encarrega-se de todos os trabalhos pertencentes á sua arte

**Construção de jazigos e de todos os trabalhos para construção de predios**

Fornecimento de marmores para moveis

Execução rapida, perfeita e economica

Por motivo de liquidação de bens, vende-se ou passa-se a Tipografia SEAFIM, uma das melhores e mais acreditadas do Algarve. Presta qualquer esclarecimento unicamente na propria officina, Rua de Santo Antonio, 75, FARO

A secção de Papelaria não faz parte do trabalho da tipografia

## FABRICA INDUSTRIAL DE MANOEL CARVALHO

SERRALHARIA MECANICA E CIVIL  
FUNDAÇÃO DE FERRO E BRONZA

— DE —  
**MANOEL CARVALHO**

Rua Infante D. Henrique, 186 — Faro  
Construção de poços artezianos. Vendem-se materiaes para os mesmos.  
Esta casa, que é no genero a primeira da provincia do Algarve, encarrega-se de todos os trabalhos mecanicos de vime.  
Constroem-se engenhos de noras de todas as qualidades com a maior ligeireza, solidez e perfeição.  
Fazem-se charruas de todos os tamanhos, machos de debulhar milho, colunas, tubaria e todos os utensilios agricolas.  
Ninguem deixe de comprar nesta casa, visto que em parte alguma do paiz se fabricam e vendem estes generos em melhores condições.

Preços sem competencia  
Ninguem comp. e sem primeiro visitar esta importante fabrica.

## Motores a Gaz

Com GAZOGENOS da reputada Fabrica MOTTO-DEUTZ  
Construção de 1922, já em Lisboa 20-25-35 cavalos  
Preços muito inferiores aos da fabrica

## Buagete & Bragança, L. da

Travessa das Pedras Negras—8  
Tele: Burecala—LISBOA

## PIANOS

GRANDE sortimento em armazem para entregas imediatas pianos verticaes, de cauda e Auto-Pianos:  
Das acreditadas marcas alemãs  
HOFFMANN & KUHNE  
ZEITNER & WINKELMANN  
G. NIENDORF  
HEYL  
M. F. RACHAIS & C.º etc.  
Preços resumidos e sem concorrência.  
Pedir preços aos unicos representantes

LAMBERTINI antiga casa fundada em 1830 de musicos Sucessores — FUERTES Limitada.  
62—Praça dos Restauradores—68  
TELEPHONE NORTE 3171 — LISBOA